

ABORDAGEM EDUCACIONAL E CULTURAL DO SURDO

Ana Cássia de Oliveira Gobbo¹
Fábio José Antônio da Silva²

RESUMO: Este trabalho busca realizar um estudo da Abordagem Educacional e Cultural do Surdo, fazendo um resgate da História do Surdo, pontuando os principais marcos da Educação dos Surdos no mundo e no Brasil, destacando o congresso de Milão, o qual mudou o rumo da educação dos surdos, disseminando o método oralista, método esse que desencadearam muitas críticas, visto negativamente por muitos especialistas, pois, não atendeu as necessidades dos surdos quanto a educação. O método oralista foi referencial assumido nas escolas do mundo todo, bem como as práticas vinculadas a ele. Enfatiza o ensino bilíngue como um programa educativo salvador, que utiliza duas línguas para ensinar. Traz o conceito que a filosofia bilíngue é de que os surdos formam uma comunidade, com culturas e línguas próprias, com isto o ensino bilíngue ganhou espaço e continua até os dias atuais. Esclarecem equívocos sobre a língua de sinais, sendo esta diferenciada de acordo com cada país. Faz um chamado para os educadores reavaliarem sua postura frente esse novo contexto educacional.

440

Palavras-chave: Surdo. Educação. Bilíngue. Cultural. LIBRAS

1. INTRODUÇÃO

A Pesquisa “Abordagem Educacional e Cultural do Surdo” busca conhecer, discutir e analisar a História do Surdo na sociedade em diferentes temporalidades.

Faz se necessário que se conheça a comunidade surda como um grupo social, desmistificando concepções equivocadas a respeito da surdez. O trabalho objetiva que todos entendam que os surdos formam uma comunidade, com cultura e línguas próprias, pois a partir dos estudos linguísticos das línguas de Sinais e dos Estudos Surdos, essa comunidade começa a ser percebida como uma minoria linguística com culturas próprias, assim como os índios, os ciganos e outros povos. Para entender melhor essa nova concepção de surdez, é

¹ Graduação em Pedagogia - UNOPAR. Graduação em Educação Física – UNOPAR. Servidora Pública Municipal - Prefeitura Municipal de São Sebastião da Amoreira/PR

² Profissional de Educação Física. Mestre em Educação. Doutorando em Educação Física.

conveniente fazer uma retrospectiva histórica do papel que o surdo representou nas sociedades anteriores, e da educação desse sujeito.

A pesquisa de caráter bibliográfico destaca a Abordagem Educacional e Cultural do Surdo, partindo das origens e evolução histórica, passa pelo Congresso de Milão e o início da pedagogia oralista, período este considerado como o período das trevas, pois é a partir dele que o ensino para esses alunos toma outro rumo. E por fim fala dos novos direcionamentos educacionais, abordando o ensino bilíngue, o qual consiste em garantir à criança surda o acesso à língua de sinais o quanto antes, propiciando seu desenvolvimento. A modalidade bilíngue é entendido aqui como um programa educativo, que utiliza duas línguas para ensinar os alunos surdos. E esclarece equívocos da Língua de Sinais que surgiram no passado e ainda perduram até os dias atuais, como acreditar que a Língua de Sinais é universal e segue os mesmos parâmetros

2. PARTINDO DAS ORIGENS

A história da educação dos surdos não pode ser confundida com a história das instituições de ensino para deficientes. Embora seja inegável que os surdos tenham participado da história da institucionalização e principalmente do processo de normalização da pessoa com algum tipo de disfunção sensorial, a trajetória histórica dos surdos ganhou um novo enfoque nas últimas décadas.

A partir dos estudos linguísticos das Línguas de Sinais e dos Estudos Surdos, essa comunidade começa a ser percebida como uma minoria linguística com cultura própria, assim como os ciganos e outros povos (LACERDA, 1998).

Para entender melhor essa nova concepção de surdez, far-se-á uma retrospectiva histórica do papel que o surdo representou nas sociedades anteriores e da educação desse sujeito.

Na antiguidade, pessoas que nasciam com algum tipo de deficiência física ou mental eram muitas das vezes até sacrificadas. Nas chamadas Leis Régias, redigidas no século IV d.c, que eram uma espécie de codificação de todos os costumes políticos e sociais, em “De Jure Pátrio”, o pai era obrigado a sacrificar seu filho caso este nascesse com alguma deformação (LACERDA, 1998).

Em “De hereditibus et tutelis”, os surdos eram classificados junto com os idiotas e eram privados de direitos civis (LACERDA, 1998).

Foram muitas as privações que os surdos sofreram nas sociedades antigas devido à cultura desta, que supervalorizavam o corpo, principalmente devido a sua tradição oral.

No período medieval, educação e religião estavam intimamente ligados, sendo que a primeira seria o meio e a última o fim, ou seja, o objetivo principal da educação, no caso da nobreza, é único, em outros casos, era moldar o cidadão de acordo com os princípios da Igreja e em benefício do clero (LACERDA, 1998).

Neste contexto, os surdos eram privados também de direitos religiosos, além dos civis e educacionais. Não podiam celebrar missa e contrair matrimônio e não podiam usufruir de direitos de herança. A igreja católica acreditava que os surdos não tinham alma.

Se nesse tempo a educação era regalia de poucos, a ideia de educar surdos não era nem cogitada.

A primeira citação de que se tem notícia sobre a possibilidade de instruir surdos é oriunda do século XIX, feita pelo escritor e advogado Bartolo della’Ancona, que acreditava que os surdos poderiam ser instruídos por meio da língua de sinais ou da língua oral. (LACERDA, 1998)

442

Mais tarde, já no período humanista, Rodolfo Agrícola, que era uma figura de destaque no campo educacional, afirmou em seu livro *De inventionem Dialecticam* (1545) aproximadamente, que havia conhecido um surdo de nascença, o qual havia aprendido a compreender e expressar tudo pela escrita.

Porém, o primeiro a deixar claro que os surdos podiam e deveriam ser educados foi o médico Girolando Cardano (1501-1576). Esse médico tinha um filho surdo e desenvolveu estudos do ouvido, da boca e do cérebro. Ele afirmava que era necessário que o surdo aprendesse a ler e escrever.

Segundo Skliar (1997), Cardano teria elaborado um método de ensino, mas não chegou a pô-lo em prática e continuou seus estudos em outros campos da medicina.

Os primeiros educadores de surdos que são reconhecidos por deixarem vestígios de suas didáticas surgiram no século XVI. Pouco se sabia sobre seus métodos de ensino. Pois era frequente na época manter em segredo o modo como se conduzia a educação dos surdos.

Cada pedagogo trabalhava autonomamente e não era comum a troca de experiência (LACERDA, 1998).

Sabe-se que Pedro Ponce de León (1520-1584) foi o precursor na educação de indivíduos surdos, instruindo aos filhos da nobreza no Monastério de Oña.

Outro educador que merece destaque é Charles Michel de l'Épée (1712-1789) que, por volta de 1760, fundou, em Paria, a primeira escola pública para surdos. Com uma educação coletiva e um método de ensino apoiado nos sinais que havia apreendido com os surdos pobres de Paris, sua escola foi um sucesso. Mas esse sucesso não duraria muito tempo. O alemão Samuel Heinecke (1729-1784) trava uma discussão do método oral de ensino, que priorizava a fala. Seus esforços atingiram o ápice quase um século depois de sua morte, no Congresso de Milão, (Itália), em 1880. Esse Congresso marcou o início do chamado Império Oralista que durou mais ou menos um século. (LACERDA, 1998).

2.1 O Congresso de Milão e o Início da Pedagogia Oralista

É de suma importância destacar o Congresso de Milão na história da educação de surdos, pois é através deste que a educação para esses alunos toma outro rumo. Alguns autores elencam esse Congresso como evento crucial.

443

Em 1880, foi realizado o II Congresso Internacional, em Milão, o qual ocorreu de 6 a 11 de setembro e mudou completamente os rumos da educação de surdos. Por isso, é considerado um marco para essa comunidade.

Depois de muito debate, e com a maioria dos participantes favoráveis ao método oralista, votaram a aprovação do uso exclusivo e absoluto da metodologia oralista e a proibição da linguagem de sinais nas escolas, pois acreditavam que o uso de gestos e sinais pudesse interferir na aprendizagem da língua oral, o qual julgavam a mais importante do ponto de vista social. (SACKS, 1990)

Assim, a partir do Congresso de Milão, o oralismo foi o referencial assumido nas escolas do mundo todo, bem como as práticas educacionais vinculadas a ele.

Esse período passou a ser chamado de Império Oralista para alguns autores, e Idade das Trevas da Pedagogia Oral, por outros (SUPALLA, 2006).

Alguns estudos apontaram para o problema de diversas ordens, desenvolvidos em diferentes realidades, revelando sempre o mesmo cenário: sujeito pouco preparado

para o convívio social, com sérias dificuldades de comunicação, seja oral ou escrita, o que torna claro o fracasso da pedagogia oral (FERNANDES, p.78, 1989).

Carlos Skiliar em seus estudos faz críticas ao oralismo, considerando-o a fiel organização metodológica do que ele chama de “Modelo Clínico-Terapêutico da Surdez”.

Os seguidores dessa linha tratam a surdez como deficiência, dando prioridade à medicina ante a pedagogia para “reabilitar” o surdo ensinando-lhe a oralizar.

2.2 Novos Direcionamentos Educacionais

Os trabalhos de Danielle Bouvet, em Paris, publicados em 1981, e as pesquisas realizadas na Suécia e Dinamarca, na mesma época, deram origem a um novo enfoque na educação dos surdos: o enfoque bilíngue.

O ensino bilíngue consiste em garantir à criança surda o acesso a língua de sinais o quanto antes, propiciando seu desenvolvimento em um ambiente estimulador, e a língua portuguesa como segunda língua, visando a facilitar sua socialização na sociedade ouvinte.(Perlin e Strobel, 2008)

Perlin e Strobel (2008, p.10) definem essa modalidade bilíngue ou bilinguismo como “uma proposta de ensino usada por escolas que se sugerem acessar aos sujeitos surdos duas línguas no contexto escolar”.

444

O conceito mais importante que a filosofia bilíngue traz é de que os surdos formam uma comunidade, com cultura e línguas próprias. A noção de que o surdo deve, a todo custo, tentar aprender a modalidade oral da língua para poder se aproximar o máximo possível do padrão de normalidade é rejeitada por esta filosofia. (GOLDFELD, 1997, p.39)

É muito importante destacar que o ensino das duas línguas se dá em momentos diferentes, pois algumas pessoas ainda têm a ideia equivocada quando pensam no ensino bilíngue para surdos como falar e sinalizar ao mesmo tempo.

O ensino bilíngue é entendido como um programa educativo que utiliza duas línguas para ensinar, as quais são utilizadas em contextos diferentes para que o aluno possa maneja-las separadamente. (ÁLVAREZ, 1999, p. 90)

Quadros (1997), conclui que:

Bilinguismo, então, entre tantas possíveis definições, pode ser considerado: o uso que as pessoas fazem de diferentes línguas (duas ou mais) em diferentes contextos sociais (QUADROS, 1999,p.27).

A postura do professor também precisa ser revista na educação bilíngue para surdos, pois nada adiantaria a mudança de uma proposta que os currículos sejam adaptados, ou que o Projeto Político-Pedagógico da escola contemple essa nova filosofia se o educador preservar a postura ouvintista com os alunos surdos.(SILVA, 2005)

Silva (2005) faz algumas considerações sobre a nova postura do educador:

Acredito que muitas mudanças podem e devem ser feitas no cotidiano escolar, principalmente se o professor mudar sua conduta e ao invés de falar o nome do outro, e dizer-lhe como deve agir, caminhar ao seu lado, contribuindo para que esse outro possa se sentir seguro o suficiente para se expor. Se o outro, no caso o aluno, tiver espaço para ser ouvido como um outro inteiro, se tiver interlocutores, então eu acredito que estaremos construindo uma escola diferente. (SILVA, 2005,p.38)

A participação dos pais no processo de educação dos filhos dentro do modelo bilíngue é muito importante, pois a maior parte do tempo as crianças ficam com os pais e precisam ser estimuladas em casa também.

445

2.3 Os Estudos Surdos e o Enfoque Cultural

A história surda toma outros caminhos a partir do fim da pedagogia oralista e através da revisão dos novos métodos de ensino por meio da língua de sinais. Há uma crescente valorização da pessoa surda, pode se dizer que há um novo olhar para essa minoria presente na sociedade, que também possuem direitos. Pessoas essas que por muito tempo eram visto como seres a margem da sociedade, e, é através dos estudos surdos que um novo olhar e uma nova maneira de pensar muda a história deste grupo minoritário, não menos importante que os demais. (LOPES,2007).

Os estudos surdos constituem-se como uma ramificação dos estudos culturais e procuram marcar com essa expressão uma posição política e epistemológica (LOPES,2007).

A expressão “estudos surdos” surgiu no Brasil a partir de uma tentativa de tradução dos chamados deafstudies, que eram realizados por pesquisadores de outros países principalmente dos Estados Unidos [...] pode-se afirmar que o linguista William Stokoe foi um dos primeiros pesquisadores que, em torno de 1960, começaram a produzir nesse campo.(LOPES, 2007, p.24).

Stokoe foi muito importante para a história surda e foi por meio de seus estudos da língua de sinais que a comunidade de surdos passou a ser reconhecida como um grupo cultural e outros pesquisadores começaram a se dedicar ao estudo da língua e da cultura desse grupo. Sabe-se que no Brasil, os estudos acerca da língua de sinais iniciaram por volta de 1980, no Rio de Janeiro e São Paulo.

Lopes (2007, p.27) afirma que “as lutas pelo reconhecimento da língua de sinais nas escolas, pelo reconhecimento da comunidade surda e pelo fim das práticas oralista”, que colocavam o surdo em condições de inferioridade, deu-se somente a partir do final dos anos 80 e início da década de 1990, com “mais expressão acadêmica, social e política”.

2.4 Língua de Sinais

A língua de sinais falada no Brasil, a libras, não é falada em nenhum outro país, ela só serve para os surdos nativos no Brasil, em cada país há sua língua de sinais própria.

Sacks (1998) coloca a fala de Abade de I'Epée, que via a língua de sinais como universal e digno de reverência:

A língua universal que nossos eruditos buscaram em vão da qual perderam esperança está aqui, está bem diante de nossos olhos, é a mímica dos surdos pobres. Porque não a conheceis, vós a desprezais, e contudo somente ele vós dará a chave para todas as línguas. (Sacks, 1998, p. 30)

446

A LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais – foi reconhecida em 2002 pelo governo brasileiro. Seu reconhecimento como língua foi tardio, pois se tratava de uma língua utilizada por um grupo pequeno e insignificante diante da comunidade. Bernadino (2000), citando Skiliar, afirma esse fato.

Segundo Skiliar (apud BERNADINO, 2000), a comunidade de surdos é uma minoria linguística. A língua de Sinais é utilizada por um grupo restrito de usuários que vivem em desvantagem social e de desigualdade, os quais participam, limitadamente, na vida da sociedade majoritária.

Muitos equívocos podem ser constatados nas pesquisas realizadas em diversos países, a partir dos estudos de Stokoe, que tentam descrever, analisar e demonstrar o status linguísticos da língua de sinais, desmistificando concepções inadequadas em relação a essa modalidade de língua (KARNOPP; PEREIRA, 2004, p.33-38):

- A língua de sinais seria uma mistura de pantomina e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos;

- Haveria uma única e universal língua de sinais usadas por todas as pessoas surdas;
- Haveria uma falha na organização gramatical da língua de sinais, sem uma estrutura própria, subordinada e inferior às línguas orais;
- A língua de sinais seria um sistema de comunicação superficial, com conteúdo restrito, sendo estética, expressiva e linguisticamente inferior ao sistema de comunicação oral;
- As línguas de sinais derivariam da comunicação gestual espontânea dos ouvintes;
- As línguas de sinais, por serem organizadas espacialmente, estariam representadas no hemisfério direito do cérebro, uma vez que esse hemisfério é responsável pelo processamento de informação espacial, enquanto o esquerdo, pela linguagem.

A lei 10.436, de 24 de abril de 2002, dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. O que se analisa que por meio dessa lei, a Libras deixa de ser marginal, e seus usuários podem dizer que tem uma língua, uma cultura, uma identidade surda, que vem sendo buscada a séculos como mostrou a presente pesquisa (SACKS,1997).

Nada é mais prodigioso, ou mais digno de celebração, do que algo que liberta as capacidades de uma pessoa e lhe permite crescer e pensar, e ninguém louva ou descreve isso com mais fervor e eloquência do que os mudos subitamente libertados como Pierre Desloges (SACKS, 1997, p. 33)

447

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o final da pedagogia oralista e a revisão dos novos métodos de ensino por meio das línguas de sinais, a história surda tomou outro rumo. A valorização da pessoa surda como ser histórico-cultural e de sua comunidade como produtora de cultura foi uma grande vitória. Muitas foram às conquistas e o momento atual, pode ser visto um terreno fértil para a discussão e aceitação da diversidade em todos os aspectos sócio-culturais.

O campo da educação de surdos adquire novos direcionamentos e formas. O significado da surdez e dos surdos deslocam se da palavra deficiente para se configurar em alteridade surda. É necessário compreender esse grupo como formadores de sua própria cultura, de uma minoria linguística, em vez de rotular que são deficientes.

Conquistas significativas vêm se concretizando, como é o caso da sociedade em relação ao reconhecimento da língua de sinais – como língua natural da comunidade surda – A presença de profissionais surdos participando do projeto político pedagógico e a oficialização da LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais, através da lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais, entendendo que a Libras é a forma de expressão, um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos da comunidade surda. Além disso, no contexto atual, as políticas governamentais, fundamentalmente no âmbito da educação, estão voltadas à valorização linguística e cultural dos surdos, através do desencadeamento de ações que reconheçam essas diferenças. As escolas estão buscando através de formação continuada, capacitar seus professores para trabalhar com essa gama de diversidade.

Embora muitas foram as conquistas, ainda há muito a ser estudada. Olhar para a literatura trás a sensação de dever cumprido, no tangente dos avanços, mas quando se vê que quase a totalidade da população brasileira vê o surdo apenas como um deficiente, percebe-se que há muito a se fazer e que estes equívocos tem de ser desmistificados, e isso só é possível no campo da educação.

448

REFERENCIAL

ÁLVAREZ, Antonio Martínez. Liderazgo e dirección de personas sordas jóvenes em El trabajo nacional e internacional de Lãs organizaciones de lossordos: clarificación de los objetivos. In: SKILIAR, Carlos (org). **Atualidades da educação bilíngüe para surdos: processos e projetos pedagógicos**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

BERNARDINO, Elidéia Lucia. **Absurdo ou lógica?** : os surdos e sua produção lingüística. Belo Horizonte: Profetizando Vida, 2000.

FERNANDES, Eulália. **Problemas lingüísticos e cognitivos do surdo**. Rio de Janeiro: Agir, 1989.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. São Paulo: Plexus, 1997.

KARNOPP, LoenirBecher; PEREIRA, Maria Cristina Cunha da. Concepções de leitura e escrita e educação de surdos. In: LODI, Ana Claudia Balieiro; HARRINSON, kathrin Marie P.; CAMPOS, Sandra Regina Leite de (Org). **Leitura e escrita no contexto da diversidade**. Porto alegre: Mediação, 2004, p. 33-38.

LACERDA, C.B.F. Um pouco da história das diferentes abordagem na educação de surdos. **Cadernos Cedex**, Campinas, set. 1998. v 19. N.46.p.68-80.

LOPES, Maura Corcini. **Surdez e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de Surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

PERLIN, Gládis;STROBEL, Karin. Fundamentos da educação de surdos. 2008.

SACKS, Oliver W. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Companhia da Letras, 1997.

SILVA, Ângela Carrancho. **A representação social da surdez: entre o mundo acadêmico e o cotidiano escolar**. In: FERNANDEZ, Eulália. Surdez e bilingüismo. Porto Alegre: Mediação, 2005.

SUPALLA, Ted. **Arqueologia das línguas de sinais: integrando lingüística histórica com pesquisa de Campo em línguas de sinais recente**. In: QUADROS:Ronice Muller.

SKILIAR, Carlos. **La educación de lossordos: uma reconstrución histórica, cognitiva y pedagógica**. Mendonza: EDIUNC, 1997.

SKILIAR, Carlos (Org). **Atualidade da educação bilíngüe para surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999. 449